

O USO DAS ARTES NO ENSINO DA GEOGRAFIA

MANGIAPELO, Luciano Vitor

RU: 1826705

MIRANDA, Cristieli Andrade

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa que apresento aqui vem abordar as metodologias de arte-educação no ensino da Geografia, onde apontamos soluções através de autores consagrados por sua excelência, tanto na sua fundamentação teórica, quanto nos resultados obtidos pelos mesmos. Desenvolvemos a pesquisa através da nossa dissertação sobre o legado dos mesmos, suas citações e propostas. O objetivo do presente trabalho é a estimulação dos docentes por meio destas ferramentas de ensino e mostrar como elas podem beneficiar tanto alunos quanto docentes. A metodologia adotada foi bibliográfica e qualitativa, uma vez que os autores possuem grande conteúdo disponível para a realização de pesquisas e aplicação das mesmas metodologias no ensino. Os resultados do trabalho foram muito satisfatórios, e apontaram caminhos estimulantes os quais podemos nos inspirar para criar práticas docentes inovadoras e criativas com o uso da arte-educação em suas infindas formas. Possibilitando que aluno e docente se integrem de uma forma mais humanizada, dinâmica e inspiradora. Afinal o ser é expressão individualizada em si, e não apenas mera repetição daquilo que está sendo ensinado.

Palavras chave: Arte Educação. Aprendizagem. Geografia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca abordar um tema que desenvolve uma prática docente que incentiva a criatividade, integração, expressão, interatividade, entre outros elementos que tornam as aulas mais estimulantes. “O uso das artes no ensino da Geografia”. O simples fato de se colorir um mapa, montar uma maquete, criar um “rap” sobre o tema abordado na sala de aula, faz com que o aluno tenha um aprendizado mais leve, divertido, interativo e estimulante. Trabalha suas emoções cognitivas de forma saudável. Estimula também o professor a elaborar uma aula que vai além do convencional. A análise de um poema ou música que foram escritos em um determinado momento histórico relacionado ao tema abordado na aula, leva o aluno a uma reflexão naturalmente mais profunda, intensa e mais satisfatória.

O recurso das artes na prática docente proporciona incontáveis metodologias de ensino, uma vez que podemos explorar as mesmas fazendo com que a aula não seja apenas uma mera repetição do que o professor passa na lousa e explica, mas possibilita ao aluno se expressar como indivíduo único. Como por exemplo, contextualizar melhor o ensino conforme a sua percepção sensorial e lúdica. Interagir de maneira mais prazerosa com a aula e com os demais colegas de classe. São tantas as vantagens que fica quase impossível contabilizá-las.

O objetivo da nossa pesquisa é apresentar através deste trabalho o legado de educadores e autores consagrados, através de suas práticas de ensino e resultados obtidos em suas pesquisas de campo de modo a estimular os docentes assim como o mesmo que está desenvolvendo esta pesquisa a não usar metodologias de ensino “engessadas” e sim, abrir caminho para novas propostas na linguagem de aprendizado.

Através de grandes educadores como Émile Jaques Dalcroze, veremos que o ensino da música por exemplo, pode ser utilizado em todas as idades e que todos tem o ritmo dentro de si.

A autora Ana Mae Barbosa com sua tão difundida “proposta triangular” de ensino das artes, onde o aluno primeiramente conhece o contexto, depois vem a praticar o mesmo e depois aprecia-la, nos dá um caminho muito interessante que tem sido amplamente usado nos dias de hoje em diversas escolas por todo o país.

Também abordaremos sobre o trabalho da autora Marisa Trench de Oliveira Fonterrada que escreveu diversas obras sobre o uso da música na educação brasileira, e usaremos uma parte considerável das mesmas para apontarmos caminhos e justificarmos a importância da nossa pesquisa.

Por fim, também citaremos notas do patrono da educação Brasileira Paulo Freire, que foi incentivador do tema e dissertou muito sobre o uso das artes na educação.

Como a Geografia é o “estudo da terra”, e entre os módulos estudados durante a realização do nosso curso, entramos no assunto de “Geografia Musical”, pude perceber que a música e a poesia muitas vezes representam como nunca algum acontecimento histórico de forma a levar as pessoas a não apenas saber do que aconteceu em determinado momento, mas sentir o que as pessoas sentiram naquele momento.

Também a mesma Geografia Musical, nos leva a perceber como diversas regiões possuem uma cultura diferenciada que está relacionada com a música que se ouve ali. As letras e as referências poéticas dos autores, representam o sentimento e a arte de cada lugar estudado.

Iremos dissertar também sobre as novas propostas de arte digital, tais como o uso de aplicativos e similares que podem ser usados no ensino da Geografia. Fazendo com que o aluno não observe o seu telefone celular apenas como um instrumento de entretenimento e “status”, por exemplo. Mas que possa desde cedo entender como as ferramentas de arte digital podem ter sua utilidade educacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Grandes nomes da docência deixaram o seu legado com relação ao tema ao longo dos anos. Registrando em suas obras o seu trabalho e as suas descobertas na sua pesquisa de campo, suas inovações e teses comprovadas com a aplicação das mesmas na docência. Paulo Freire(1990), patrono da educação Brasileira disse: (...) na medida que a prática escolar considerar a expressão artística como algo substantivo, como algo tão necessário quanto saber matemática para a vida; no momento em que a escola testemunha isso ao aluno, no momento em que respeita a expressividade criadora do aluno, em que a escola respeita as práticas fazedoras de boniteza dos meninos e das meninas. (FREIRE, 1990)

Émily Jaques Dalcroze foi um educador musical de grande importância para a humanidade, mostrando que todos nós possuímos o ritmo dentro de si, sendo assim possível a aplicação do ensino da música em pessoas de qualquer idade.

Existem abordagens muito interessantes a serem investigadas e experimentadas como a “abordagem triangular” da autora Ana Mae Barbosa (aluna de Paulo Freire) e também dissertarei sobre outros autores como Marisa Trench de Oliveira Fonterrada que escreveu diversas obras sobre o uso da música na educação brasileira.

Ressaltaremos que o foco do nosso trabalho acadêmico é aproveitar o trabalho dos autores e demonstrar como pode ser útil e importante os recursos das artes no ensino da Geografia.

Começando por Émily Jaques Dalcroze, educador musical brilhante e referência para a grande maioria dos educadores musicais, introduzir o ritmo como elemento essencial nas atividades pedagógicas relacionadas a música é fator primordial. Dalcroze observou que alguns alunos tinham dificuldades musicais mas se relacionavam muito bem com a questão rítmica. No ano de 1892, Dalcroze aos 27 anos conquistou uma cadeira de Harmonia e Solfejo Superior no Conservatório de Genebra (MADUREIRA, 2008).

A teoria de Dalcroze é facilmente observada no cotidiano quando vemos por exemplo na TV um exército de milhares e milhares de soldados marchando num compasso absolutamente perfeito. Ou seja, o ritmo está em todos nós.

A questão rítmica é uma parte da música que envolve todo o corpo humano e é a base dos demais instrumentos e recursos musicais.

Na prática de ensino da Geografia, a questão rítmica pode ser usada para diversas dinâmicas interessantes, como o exemplo que citei, pedir aos alunos que criem um “rap” ou expressão corporal sobre o assunto abordado no dia na sala de aula.

Hoje nós temos um grave problema com relação ao déficit de atenção de muitos alunos. E infelizmente com a aceleração do ritmo social e a aceleração da velocidade de informação, podemos esperar que este problema tende a se acentuar.

Com atividades rítmicas tais como: Criar um “rap” ou expressão corporal sobre a matéria do dia, podemos obter uma concentração espontânea dos alunos na atividade proposta, e conseguimos até mesmo este efeito nos alunos hiperativos.

Como Dalcroze afirmou em sua tese principal, todos são capazes de realizar atividades rítmicas.

Baseando se neste princípio, podem se realizar diversas atividades envolvendo o movimento corporal. A Rítmica, método pedagógico proposto pelo mesmo, propõe integração musical, audição consciente e movimento corporal. O mesmo é utilizado por no mundo todo por músicos, bailarinos e educadores.

Ainda dissertando sobre o trabalho de Dalcroze, Segundo o mesmo, a educação musical é muito mais ampla, pois toda ação artística é um caminho para uma educação que tem por objetivo alcançar a completude do indivíduo, abarcando todos os sentidos do aluno e não apenas seu intelecto (FONTERRADA, 2005).

Esse ponto de vista vai de encontro as teses sobre arte e educação defendidas por Paulo Freire. (...) A arte tem que participar da escola como ela mesma, como fim. Ela pode até ser meio, mas ela tem que ser respeitada como atividade-fim. A arte tem que ter um lugar de respeito na escola. (FREIRE, 1990)

Também disse: “A educação é uma obra de arte. É nesse sentido que o educador é também artista: ele refaz o mundo, ele redesenha o mundo, repinta o mundo, recanta o mundo, relança o mundo.” (FREIRE, 1996)

Podemos assim dizer que o caminho da educação passa pelo caminho da inovação e da criatividade que nasce no próprio educador. E que o aluno participa desse processo como objetivo final do educador, integrando um ao outro e ambos a arte. O aluno é incentivado a realizar atividades mais estimulantes nas aulas de Geografia com o recurso das artes, porque o educador já está experimentando dentro de si esta estimulação. Dentro dele nasce a vontade de fazer uma aula diferenciada com o uso destes mesmos recursos.

O professor de Geografia que atua como arte-educador nas suas aulas sente prazer em fazer das mesmas algo mais estimulante e não apenas seguir o protocolo convencional. O prazer começa no professor.

Segundo o educador Guilherme Romanelli, Na escola, [...] “a música é linguagem da arte, [...] é uma possibilidade de estratégia de ensino, ou seja, uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de outras disciplinas”. (ROMANELLI, 2009)

A implementação das artes nas escolas no Brasil, mostra que até mesmo nos tempos da ditadura, viu-se a necessidade de implementá-las. As mesmas têm sido obrigatórias desde o ano de 1971, no quesito de “educação artística”, que hoje chamamos de “artes visuais”. (LDB n.5692/71) Porém naquele momento não havia cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos de arte-educação para professores e artistas. Naquele momento, a arte era vista como a única matéria que poderia ter um caráter maior no quesito de humanizar e desenvolver o trabalho criativo do aluno. A partir daí podemos ver que mesmo em um período duro da nossa história (em plena ditadura), houve a necessidade de se implementar as artes no currículo escolar para humanizarmos o ensino convencional.

A música é um instrumento que nos possibilita uma integração e uma gama de atividades e possibilidades de utilidade muito eficiente conforme disse o educador Martins Ferreira.

(...) pode-se observar que o campo das formas musicais é verdadeiramente fértil e de fácil assimilação, portanto útil para o trabalho do professor que deseja renovar, dinamizar e buscar maior eficiência de aprendizado em seu modo de explicar a matéria (FERREIRA, Martins, 2002)

Agora é importante ressaltar também que os educadores brasileiros enfrentam diversos problemas que já vem de muito tempo.

Há muitos anos vem se travado uma luta para que a educação no Brasil tome o seu papel merecido e que o ensino brasileiro tome seu o devido reconhecimento na formação da sociedade.

Falando sobre o tema e continuando sobre a história da implementação das artes nas escolas, foi necessário que em 1982 diversas entidades se unissem para melhorarem as condições do ensino das artes no Brasil.

Em março de 1982 a AESP (Associação de Arte-Educadores de São Paulo) foi criada como a primeira associação estadual e foi seguida pela ANARTE (Associação de Arte-Educadores do Nordeste) compreendendo oito estados do Nordeste, AGA (Associação de Arte-Educadores do Rio Grande do Sul), APAEP (Associação de Profissionais em Arte-Educação do Paraná), e outras. Já temos 14 associações estaduais que, juntas, em agosto de 1988, criaram a Federação Nacional sediada pelos próximos dois anos em Brasília, DF. A presidência mudará de um estado para outro. A SOBREART, sob nova presidência, também pertence à Federação Nacional. Estas associações são fortes batalhadoras por melhores condições de ensino de arte, negociando com as Secretarias da Educação e Cultura, o Ministério da Cultura, legisladores e líderes políticos. (BARBOSA, Ana Mae, Arte-educação no Brasil, pág 174)

O que se percebe é que na nossa história a reivindicação de melhorias na educação sempre partem por parte da sociedade e muito pouco por parte das entidades governamentais.

Por isso o docente quase sempre se vê no desafio de fazer além do convencional para poder realizar propostas mais interessantes. Porque do Estado infelizmente pouco se pode esperar em matéria de investimentos e iniciativas mais estimulantes.

A diversificação das diferentes linguagens de ensino, proporcionam além de tudo, a fomentação de novos caminhos para a construção cognitiva dos mesmos. Segundo Paulo Freire,

“(...) Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas no mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (...)” (FREIRE, Paulo, 2003)

Nos tempos atuais, há um interesse grande em aumentar o uso das artes nas grades escolares, principalmente o uso da música como elemento obrigatório no currículo escolar.

Hoje que o mundo está vivendo a realidade pós Revolução Tecnológica, é uma fomentação e desafio para o docente usar também as ferramentas de arte digital no ensino da Geografia.

Aplicativos em celulares e tablets possibilitam recursos interessantes que não seriam possíveis sem esta mesma revolução tecnológica.

O uso da Internet e sites como o Youtube e diversos e variados blogs possibilitam ao professor ter uma rede de dados e informações na palma da sua mão como nunca antes fora possível.

Isso permite uma facilitação no planejamento das aulas de uma forma a se conseguir alguns recursos que outrora demorariam muito mais tempo de pesquisa.

Sem dúvida, no caso da geografia, a relação pedagógica veio a ser transformada, pois o mestre não tem mais, como outrora e como ainda acontece com outras disciplinas, o monopólio da informação. (...) Hoje, mestre e alunos recebem ao mesmo tempo, simultaneamente com as atualidades, uma massa de informações geográficas, caóticas. Geografia em pedaços, o ocasional, o espetacular, sem dúvida, mas geografia de qualquer forma. (LACOSTE, Yves, 2010)

Quando apresentei meu primeiro portfólio no presente curso que estamos concluindo, abordando o tema de coordenadas geográficas por exemplo, fiz uma comparação entre como nos dias de hoje se consegue uma coordenada geográfica sem menor esforço, comparando com o primeiro episódio da série de sucesso dos anos 1980 “A gata e o rato” (Moonlighting, ABC) onde eles tem que ir até uma biblioteca para procurar um mapa.

Nos tempos atuais, todos estes meios de comunicação chegaram a nossa casa como nunca e fazem parte do cotidiano de jovens e adolescentes.

Até mesmo aplicativos, como o tão conhecido “Tik Tok” podem ser usados de forma a promover uma atividade educacional de forma divertida e estimulante. Os aplicativos de celular e os meios de comunicação digital são nos tempos de hoje parte indivisível da sociedade.

O professor de Geografia deve se aproveitar das novas ferramentas e recursos para criar novas formas de aprendizagem e transformar suas aulas em experiências mais interessantes.

O papel do professor de Geografia é de orientar esse acesso ao conhecimento, organizando os conteúdos e atuando mais como um facilitador do aprendizado do que o um fornecedor de conhecimento. Para aplicar esse objetivo, o professor, além de ministrar as suas aulas, deve pedir para que os estudantes realizem frequentes pesquisas rápidas, guiando-os por meio de questionamentos que os levem à curiosidade e fornecendo palavras-chave para serem utilizadas em sites de busca. Além disso, o uso da internet e de tecnologias da informação em sala de aula – desde que de forma racional e sem excessos – também pode ser um importante trunfo para demonstrar a inserção dos conhecimentos geográficos no mundo cotidiano do estudante. (PENA, Rodolfo Alves, 2018)

É claro que usar tais recursos também trazem desafios e problemas a serem enfrentados e solucionados. Nem todos os alunos possuem por exemplo acesso a internet e equipamentos eletrônicos apropriados para a aprendizagem.

Se falamos em melhorar a qualidade da educação através dos recursos da inclusão digital, temos que pensar que a mesma tem que ser democrática e disponível na mesma proporção tanto para alunos da rede pública quanto aos alunos da rede particular.

Se tivermos uma TV instalada com acesso a internet em cada sala de aula, já damos um passo muito importante e avançamos muito.

Se tivermos disponíveis na escola recursos como tablets para realizarmos melhorias no ensino da Geografia através dos recursos digitais, temos condições de fazer com que os alunos tenham verdadeiro prazer em estudar.

METODOLOGIA

Podemos aplicar uma metodologia de trabalho abordando o assunto do dia e trazendo o mesmo para o contexto das ferramentas da arte-educação. Vamos usar a Interpretação e contextualização do tema a partir dos mesmos recursos, aplicar atividades aos alunos e também nos utilizarmos dos chamados “métodos ativos”. A própria Geografia Musical e a Geografia Cultural nos apontam caminhos a serem abordados.

Desenvolvimento

A Geografia Musical leva o aluno a uma reflexão maior e quebra barreiras com mais facilidade. Uma canção por exemplo, pode abrir fronteiras no desenvolvimento da reflexão. Ainda mais que algumas canções retratam a realidade vivida por muitos alunos.

Vejamos por exemplo um trecho de uma canção da banda “O Rappa”, “O que sobrou do céu”.

- **O que sobrou do céu** - Letra de Marcelo Yuka (1999):

Faltou luz mas era dia... di-ia
Faltou luz mas era dia, dia, dia
O som das crianças brincando nas ruas
Como se fosse um quintal
A cerveja gelada na esquina
Como se espantasse o mal
O chá pra curar esta azia
Um bom chá pra curar esta azia
Todas as ciências de baixa tecnologia
Todas as cores escondidas nas nuvens da rotina
Pra gente ver.... por entre prédios e nós...
Pra gente ver.... o que sobrou do céu... o lá lá

A canção retrata de forma bem poética a realidade do dia a dia das comunidades brasileiras. Partindo deste princípio, podem se realizar diversas atividades e metodologias onde os alunos, principalmente os que vivem em uma realidade parecida, podem fazer uma interpretação e dissertação sobre o tema abordado de uma forma mais integrada.

É claro que a Geografia Musical é muito mais ampla e não necessariamente precisa abordar um tema atual. Mas como já dissertamos no presente trabalho, a

contextualização dos temas Geográficos com o uso da música permite o desenvolvimento da parte lúdica com muito mais abrangência e facilidade.

No caso da canção do Rappa, poderíamos desenvolver diversos questionamentos para o aluno tais como:

Você se sente parte desta realidade citada na canção? Como você lida com a realidade da desigualdade social em sua cidade? O que a letra desta canção trouxe em primeiro plano a sua mente? E questões do tipo.

Poderemos realizar estas atividades em duas etapas:

Primeira etapa

- Questionamento, interpretação, contextualização e fomentação do tema por parte do professor, como nas questões mencionadas acima;
- Propostas sugeridas pelo educador para uso dos recursos de arte-educação na apresentação dos trabalhos;
- Desenvolvimento de grupos na sala de aula para a realização do trabalho;
- Divisão entre os alunos das atividades.

Segunda etapa

- Consulta ao professor e tira dúvidas;
- Agendamento das apresentações;
- Apresentações dos trabalhos com o uso das ferramentas de arte-educação.

Dentro da Geografia Cultural, matéria também abordada durante o nosso curso. Podemos utilizar de diversas linguagens como a literatura, música e cinema por exemplo.

Vamos agora analisar a partir da Geografia Cultural um poema clássico, como a “Canção do Exílio” de Gonsalves Dias:

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar – sozinho – à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras;
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho – à noite –

Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que eu desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Um poema clássico como o de Gonçalves Dias nos proporciona automaticamente diversas atividades e questionamentos ao aluno:

Em que contexto este poema foi escrito? Qual a sua relevância para a nossa história e cultura? Esta mesma visão de País se reflete nos tempos atuais? São algumas de muitas e muitas questões que o professor pode abordar utilizando-se das artes no ensino da Geografia Cultural.

O método ativo de Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa estimula os alunos a questionar, pensar, contextualizar o uso das imagens artísticas. Interpretar as mesmas. Traz o invisível que está dentro de cada um ao visível que é proporcionado ao todo.

Como na interpretação da música e poema que fizemos acima, a interpretação de um quadro, de uma foto, não apenas a partir do seu contexto de vivência, mas também no contexto histórico ou até mesmo no contexto lúdico. Onde muitos artistas realizam seu trabalho de forma abstrata.

Aplicando este método com o uso do cinema por exemplo, podemos tornar a prática do ensino muito mais prazeroso.

Ao propor o aluno assistir algum filme sobre a temática das Guerras Mundiais, por exemplo, vai não apenas dissertar sobre o tema como se fosse proposto pelo livro didático, mas vai transportá-lo para todo um universo como se estivesse no local assistindo o conflito.

Recentemente tivemos um filme que se destacou muito no cinema e venceu vários óscares, o filme “1917” (UNIVERSAL PICTURES, 2019). No filme vemos dois soldados que são mandados para uma missão suicida durante a primeira guerra mundial.

A partir de um filme como “1917” que trata da Primeira Guerra Mundial, podemos usar dos recursos do cinema para abordar diversos temas relacionados a Geografia aplicando este mesmo “método de abordagem triangular” citado acima.

Sugerindo um filme inspirado na Segunda Guerra Mundial como “A queda! As últimas horas de Hitler” (Europa Filmes, 2004). Podemos propor ao aluno não apenas a análise da história do filme e seu impacto na Geografia mundial, por exemplo. Mas também, neste caso analisar muitos detalhes peculiares do filme, que pretende seguir a mesma metodologia de outros filmes que procuraram toda a fidelidade possível o contexto histórico.

Dissertando mais sobre métodos ativos, os mesmos trouxeram uma verdadeira revolução no ensino por conta de suas propostas.

A primeira metade do século XX foi simplesmente revolucionária, onde diversos educadores implementaram os mesmos, que chegaram ao nosso país a partir da década de 1950.

Os métodos foram e são estudados por diversos pesquisadores. Todo método consiste em encontrar um caminho educacional para chegar a um fim acessível a todas as pessoas.

(...) o que grande parte das propostas desenvolvidas no século XX apresentam em comum é a revisão dos modelos de ensino praticados em períodos anteriores, ou seja, aqueles modelos de educação musical que focalizavam a formação do instrumentista, reproduzidor de um repertório vinculado a uma tradição musical, a partir de concepções fortemente arraigadas na questão do talento e do gênio musical. Naquela perspectiva do passado, o fazer musical estaria relacionado a um grupo de pessoas talentosas, assumindo uma postura exclusiva, na desenvolver musicalmente. (FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de, (2012)

Voltando aos nossos educadores de referência do presente trabalho, Dalcroze introduziu seu método chamado de Rítmica (Rythmique, em francês) em que música, escuta e movimento corporal estão estritamente ligados.

Dalcroze queria implementar um sistema “racional e definitivo”, porém teve que revisar o seu método pois teve a percepção que a consciência motora, raramente é madura.

Seu sistema é intenso, por reunir capacidades totais do ser humano, onde abrange corpo e alma do indivíduo, além de ser usado também como um agente de educação coletiva.

Porém os métodos sempre são desafios para os seus criadores, uma vez que precisam desenvolver um meio para que possam desenvolver muitas pessoas ao mesmo tempo através de uma mesma metodologia.

A dissolução do ser humano em meio a vida coletivizante ordenada pelas condições massificadoras, pela maquinaria e pela burocracia é patente. O esforço do homem, no início do século, é assegurar a sua existência e, nisso, consome-se e se anula. Anulando-se, o indivíduo, por sua vez apresenta uma forte tendência de extinção da arte criativa. É contra este Estado de coisas que se insurgem alguns educadores do início do século XX, percebendo que a única maneira de reverter o quadro seria investir na educação. No contexto educacional, surgem propostas de natureza artística, capazes de atuar nos âmbitos individual e coletivo, buscando aperfeiçoar as qualidades e a sensibilidade humanas, graças à aproximação com a arte. (FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira, Entre tramas e fios, pág. 96)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornar as aulas uma experiência prazerosa, estimulante e porque não, inesquecível, é um desafio que vem atravessando os séculos, mas antes de tudo é uma atitude de amor. Cabe ao educador do século XXI o desafio diário e praticamente obrigatório de inovar, ser criativo, trazer um diferencial num momento em que todo “diferente” já foi feito.

Se por um lado fica difícil apresentar o “novo” em meio a tanta tecnologia e acessibilidade, por outro lado podemos usar todos estes recursos ao nosso benefício para facilitarmos o ensino. Hoje não podemos nem dizer que os aplicativos são apenas programas de computador como no início dos computadores pessoais, mas podemos classifica-los como “arte interativa”. E todos estes recursos, de arte digital, ou arte tradicional, através da música, dança, expressão corporal, teatro, recursos de audiovisual, fazem que não apenas a experiência do aluno seja mais motivadora, mas também a experiência do docente também.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais “PCN’s” editados pelo MEC/SEF (1997), incentivam os professores a desenvolverem metodologias inovadoras, uma vez que a aula centralizada no conteúdo exclusivo do livro pode se tornar desestimulante. Apesar dos PCN’S, o que nós vemos na prática é que são dos próprios professores, unidos ou individualmente, que conseguem através das suas lutas, reivindicações e trabalho com muito esforço, melhorias para o ensino e para as condições do mesmo. O governo brasileiro fala em inovação, mas investe muito pouco. O trabalho da escritora e pesquisadora Marisa Trench de Oliveira Fonterrada sobre o ensino da música nas escolas foi de extrema importância para obtermos essa conclusão, uma vez que nos trouxe grande parte da história da evolução da arte-educação no Brasil, mostrando seus avanços e desafios.

Hoje, onde vivemos em um tempo onde o uso da educação a distância através das EADs tem crescido cada dia mais e através do uso das mídias digitais, podemos imaginar como os aplicativos podem ser cada vez mais implementados no ensino da Geografia. Como falamos muito de arte digital e inovações tecnológicas, acredito que a prática vai por este caminho, porém ao mesmo tempo temos também que tomar um certo cuidado para que algumas outras práticas saudáveis não se

percam. Nos tempos atuais, temos que balancear as atividades motoras com o uso das práticas de ensino proporcionados pela tecnologia e arte digital. Ao mesmo tempo que as mesmas proporcionam recursos que antes eram até mesmo inimagináveis para serem utilizados no ensino, por outro lado temos também o desafio de não deixar que a tecnologia nos prive do sentir natural das atividades motoras. Com a praticidade das novidades que vieram principalmente depois da Internet de banda larga e uso dos smartphones, temos que ter cuidado porque podemos estar deixando com que muitas atividades prazerosas e saudáveis estejam se perdendo nestes novos tempos. O que era antes de difícil acesso, como citei no caso das Coordenadas Geográficas, agora é tão utilizado e de fácil acesso como comprar o pão na padaria. A partir daí nos vemos diante de grandes desafios, tais quais: Estimular ou proibir o uso dos smartphones nas salas de aula em atividades lúdicas? Quais os desafios do educador para manter as aulas naturalmente interessantes e estimulantes em tempos de tanta dispersão com o uso dos recursos da arte-educação? São questionamentos que nos confrontam e nos colocam diante de enfrentamentos inevitáveis. Mas concluo esta pesquisa com otimismo e tendo a confiança que através dos recursos de arte-educação podemos tornar as aulas de Geografia como uma experiência estimulante, prazerosa e única. Sendo assim, fica evidenciado que quanto mais a disponibilidade de recursos estimulantes como o uso da arte nas aulas de Geografia, temos ferramentas muito poderosas para utilizar e estimular a prática docente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. Editora Perspectiva.

DIAS, Gonsalves, **Primeiros cantos**, Domínio Público (1846)

DEL PICCHIA, Juliana Miranda Martins. Da ROCHA, Raimundo Andrade. PEREIRA, Perdígão Denise. Jaques Dalcroze: **Fundamentos da rítmica e sua contribuição para a educação musical**. Artigo postado em: https://www.academia.edu/36536999/%C3%89MILE_JAQUES_DALCROZE_FUNDAMENTOS_DA_R%C3%8DTMICA_E_SUAS_CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES_PARA_A_EDUCA%C3%87%C3%83O_MUSICAL

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. **A educação musical do século XX: os métodos tradicionais**. p. 85 - 87. Revista: A música na Escola. Allucci & Associados Comunicações, São Paulo – 2012. Disponível em: <http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/Sergio_Luiz_Figueiredo.pdf> Acesso em: 17 de mar. de 2015.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios, ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Unesp, 2005.

LACOSTE, Yven. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 18ª ed. Campinas, Papyrus, 2010. p.91.

LEITE, Álvaro Pantoja. **Paulo Freire e arte educação**. Artigo postado em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC54_ALeite.pdf>

PENA, Rodolfo Alves. **Novas tecnologias no ensino de geografia**, Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/novas-tecnologias-no-ensino-geografia.htm>> Acesso em 22/9/2020

ROMANELLI, Guilherme. **Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento**. Revista Aprendizagem, Pinhais, n.14, p.24-25, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1973.

SIMONE, Vanessa. **Ensino de Artes: A abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa**. Disponível em: <<https://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/>> Acesso em 23/8/2020

MADUREIRA, José Rafael. **Émile Jaques-Dalcroze, sobre a experiência poética da Rítmica** – uma exposição em 9 quadros inacabados. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de Oliveira. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PEREIRA, Perdigão Denise. **Jaques Dalcroze: Fundamentos da rítmica e sua contribuição para a educação musical**. Artigo postado em: <https://www.academia.edu/36536999/%C3%89MILE_JAQUES_DALCROZE_FUNDAMENTOS_DA_R%C3%8DTMICA_E_SUAS_CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES_PARA_A_EDUCA%C3%87%C3%83O_MUSICAL>

RAPPA, O, **Lado B Lado A**, UNIVERSAL MUSIC (1999)